

NO MEIO DA RUA, DA INFÂNCIA AO MUNDO: CONTATO, REDES E TROCAS

Aristóteles Berino¹

RESUMO

Com uma discussão elaborada a partir do campo de estudo da pedagogia da imagem, este artigo pretende realizar uma análise do filme *No meio da rua*, apontando para um conjunto de questões referidas à infância, ao mundo e ao território, através da amizade entre os personagens Leonardo e Kiko, que vincula os lugares da classe média alta e da favela em uma mesma rede de experiências. Amparado nas teorizações de Karl Marx e Milton Santos a respeito da mundialização e da globalização, será desenvolvida uma crítica dos agenciamentos de acumulação capitalista que operam sobre a infância. Mas, sobretudo, observando os resultados dos processos de contato, empréstimos e hibridizações culturais característicos do capitalismo avançado, pretende-se sublinhar também as capacidades infantis de produzir desarranjos nas práticas de localização identitária pretendidas pelo poder.

Palavras-chave: Pedagogia da Imagem – Infância – Território

Na contingência urbana dos encontros, nada está concluído, estável ou sereno.

Luis Antonio Baptista (2009, p. 28)

A sociedade burguesa, com suas relações de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que conjurou gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que invocou.

Marx e Engels (1998, p. 45)

Que é, hoje, a consciência do lugar? Não nos embaracemos com essa questão, penúltima herança das idéias estabelecidas em um mundo quase imóvel. Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar.

Milton Santos (2005, p. 161)

NO MEIO DA RUA

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Membro do GRPESQ *Currículos, redes educativas e imagens* (UERJ). Também membro do GRPESQ *Estudos Culturais em Educação e Arte* (IM/UFRRJ – IA/UERJ) e do LEAFRO (NEABI – UFRRJ). E-mail: berino@ufrj.br

Olhei para aquele homem e sua figura causou repugnância. O sinal abriu, e ainda olhando pelo vidro do carro, enquanto me afastava lentamente, vi quando se aproximou do filho e beijou o garoto ternamente. O rosto assustador se desintegrava ante meus olhos, que agora já não reconheciam a diferença. Lembrei do meu filho. Não poderia demonstrar mais afeto do que vi no inesperado gesto do pai que vendia balas no cruzamento. O mesmo homem, em dois, três segundos, era outra pessoa. Parti dividido entre as duas cenas, como uma fotografia rasgada ao meio que precisa colar para que um quadro me oferecesse pelo menos a estabilidade de uma imagem terminada. Pior que o homem feio, e o medo que produz, é essa outra suspeita: é pequeno o tempo entre uma e outra identidade. Portanto, para quem vê, qual a certeza de enxergar alguma coisa, logo ali, tão próximo, no meio da rua? No meio da rua, qual humanidade nos leva e nos traz?

*No meio da rua*² começa em inglês. Começa mostrando uma aula de inglês para crianças. Mas o início da história é precedido, nos créditos, por uma música que diz: “Você que parece comigo/ Sou teu vizinho”. Tensão que acompanhará a fábula urbana do menino de classe média alta que faz amizade com um garoto morador de uma favela: desejo/necessidade de aprender a língua do outro e a realidade geográfica de que os estranhos podem viver muito próximos. Aprender o inglês é olhar para fora do país, mas principalmente para a sua internacionalização e para os arranjos internos de uma sociedade segmentada economicamente, mas também no território e na cultura. Mas, na cidade, as barreiras que dividem os lugares da diferença não ficam tão de pé assim, são cruzadas. Embora os encontros permaneçam carregados de desconfianças, e mais, de ameaças. Então, essa é a tensão: os *estrangeiros*, em algum lugar, se encontram e se comunicam, mas com indisfarçável mal-estar para as políticas de localização.

No meio da rua, no sinal de trânsito, o encontro é forçado. É ali que Leonardo e Kiko³ vão se encontrar. Encontro forçado, compelido pelas circunstâncias, que devem ser vistas pelo prisma da necessidade, mas também de forma indissociável dos agenciamentos do próprio desejo. A música segue assim: “Você que parece comigo/

² *No meio da rua* (2006) foi dirigido por Antonio Carlos de Fontoura e lançado pela Europa Filmes. O propósito de discussão do filme faz parte da elaboração teórica e metodológica da pesquisa que realizei intitulada

Imagens da educação: visualidades e conhecimentos da vida nas escolas. Uma pesquisa no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR).

³ Os garotos são interpretados por Guilherme Vieira e Cleslay Delfino.

Sou teu vizinho/ Território de meu novo destino”. Depois o refrão é repetido com uma ligeira alteração no final: “Você que parece comigo/ Sou teu vizinho/ Território de meu novo castigo”. Destino e castigo se abraçam extraídos do inevitável encontro que a cidade enreda com as marcas combinadas da diferença e da desigualdade. Haverá uma atração punitiva, resultado da necessidade mútua do contato, e do seu substrato, nas condições em que ocorre: cada um herdará o que não lhe cabe direito, aquilo que nasceu com o outro, mas deverá ser seu também. Haveria uma saída para tal destino e castigo?

Leonardo é mostrado a partir da vida típica de um menino de classe média alta. Além da escola, faz aula de inglês, de tênis e de informática. Vive com os pais e uma irmã. Na casa há também pessoas que trabalham para a família, que reproduz a imagem característica do patriarcado. Existem todos os cuidados para a refeição do pai, que chegará do trabalho, quando jantarão juntos. Kiko também aparece a partir dos elementos característicos que podem compor sua vida, mas de um menino pobre, morador de uma favela, com a mãe trabalhando como doméstica e dormindo no emprego. Não há adultos na casa, mas cinco jovens e crianças. Não há referências sobre a existência do seu pai. Kiko não estuda. Foi impedido pela mãe, para colaborar no orçamento doméstico. Faz malabarismo no sinal de trânsito, pedindo dinheiro para ajudar no orçamento doméstico. Enquanto Leonardo se desloca entre os locais que frequenta em um utilitário importado, Kiko espera os carros para executar os números que aprende com “Chileno”.

As diferenças notáveis entre as vidas de Leonardo e Kiko são marcas das desigualdades historicamente construídas na produção da própria cidade, como lugar de concentração e distribuição espacial da população, de acordo com interesses socialmente verificados, portanto, são arbitrárias. E se tratam de diferenças que, apesar das distâncias que prefiguram a identidade de um diante do outro, a cidade inevitavelmente revira, com os cruzamentos, os empréstimos e as trocas. A cidade frui, mas também retém. Nela corremos nossas apressadas vidas, no caminho estreito das nossas intimidades. Mas sempre esbarramos em alguma outra coisa, desestabilizando a fortaleza das nossas comunidades. Esse atrito acontece, frequentemente, nos pontos atrativos do encontro, no local de uma *parada*. A música que serve de abertura para o filme, segue assim: “Mas eu não quero mais trabalho/ Estou chegando perto do teu carro/ Agora estou perdido aqui na rua/ Procurando um atalho”.

É o meio da rua o atalho. Nele há a velocidade do deslocamento, mas também a *espera*. Exatamente o ponto de cessão, de interrupção, que abre a janela da *passagem*, essa experiência transgressora do deslocamento querido. *Passagem* é sair de onde se está sem “saída”. Kiko, acompanhado de outras crianças, vai para o meio da rua quando fecha o sinal (que abre para eles). Eles precisam de dinheiro. Mas o dinheiro suplica a mesma busca, dia após dia. As imagens que a cidade projeta fazem crer que existe outro lugar distante do nosso, provocando uma busca mais ardente do que a procura do mesmo dinheiro sempre. Leonardo está *desligado*. Os pais e os professores, todos reclamam seu desinteresse aparente. Da janela do carro procura outros *mundos*. Sua procura encontrará Kiko no sinal, que pede o jogo *game boy* emprestado que ele leva consigo (como uma *isca*?). No dia seguinte, Leonardo entrega o jogo para Kiko e pede para ele devolver no dia seguinte (uma garantia para haver um reencontro?).

Kiko também atrai para os seus jogos. O contínuo malabarismo no sinal de trânsito não pede apenas dinheiro. As mãos que jogam as bolinhas para o alto lançam também uma atração para suas vidas. Atração nem sempre simpática, é verdade. Mas às vezes funciona, captura, trazendo o outro até si, no limite, até confundir (ou querendo confundir) as identidades. Alguns pintam os rostos, “fingindo” ser artistas. Fingindo ser os artistas que naturalmente são. Apelo mágico que seduz para as artes que manipulam. Quando Kiko pede para Leonardo o jogo emprestado, ouve como resposta: “Para quê, você não sabe jogar?!” Kiko responde que aprende tudo e pede para Leonardo olhar o que ele vai fazer, jogando as bolinhas para cima. Leonardo, interessado, então, pergunta: “Você me ensina?”. Kiko replica: “Me ensina o joguinho?”. Na parada do sinal de trânsito, a passagem entre dois mundos foi aberta. Agora, é a aventura.

Infância

“Esse abalo constante de todo o sistema social”, escreveram Marx e Engels (2007, p. 43), “essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes”. Se trocássemos na frase a expressão “época burguesa” por “época pós-moderna”, talvez não notássemos que o comentário foi feito a mais de cento e cinquenta anos. É que aquilo que Marx e Engels anotaram no *Manifesto Comunista* como uma radical mudança provocada pelo capitalismo contém uma narrativa tão vibrante a respeito das alterações produzidas, na comparação com o período anterior, que parecem tocar nas mesmas emoções, confianças ou receios, que

agora assaltam nossas vidas. Acreditamos que o capitalismo já foi mais estável, e que agora há mais insegurança no capitalismo avançado. Diferenças em relação à época conhecida por Marx e Engels existem, é certo. Mas continuidade também. O capitalismo sempre foi flamejante.

Quando Marx e Engels registram a instabilidade como componente característico do capitalismo, a imagem dura da Economia Política nos faz crer que são tremores promovidos por agenciamentos exclusivamente econômicos – e feitos por “gente grande”. Não, os estudos sobre o cotidiano, inclusive sobre o cotidiano da “sociedade burguesa”, podem nos trazer uma compreensão mais integral do que é, dos seus deslocamentos internos e como as transfigurações que ocorrem podem ser operadas também pelo que é “pequeno”: a infância. Reconhecimento que permitiria encarnar a análise que Marx e Engels fazem do capitalismo no *Manifesto*, chamando atenção para a relevância crítica do escrito na contemporaneidade. Para a questão que seguirá sendo discutida neste artigo, certa *passagem* tem particular interesse: “A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a meras relações monetárias” (ibidem, p. 42).

Entre o primeiro e o segundo encontro com Kiko, no sinal de trânsito, Leonardo ouve do seu pai, no jantar da família: “Você, ‘sabichão’, se eu tivesse tido essa moleza dos cursos todos que você está fazendo, hoje em dia eu seria o *big boss* do Mega Trade’s e não só o diretor financeiro”. Antes desse diálogo, sua mãe já havia dito, quando encontra o filho dormindo no quarto, sem ter realizado o “dever de casa”: “você sempre teve o melhor colégio, os melhores cursos. Você sabe o quanto eu e o seu pai apostamos em você (...), você está tendo tudo que eu e seu pai nunca pudemos ter (...), primeiro as responsabilidades, depois o descanso”. Uma “passagem” do filme porque, além de constituir um episódio, é também um lugar crítico, por onde saltamos do filme para uma abordagem do *Manifesto*. Na citação, logo acima, Marx e Engels estão apresentando um amplo painel dos efeitos desestabilizadores provocados pelo poder burguês na vida social.

Especialmente, Marx e Engels procuram demonstrar que o capitalismo faz cair por terra as dissimuladoras figurações do poder (as liturgias, as etiquetas) que servem para abrandar os interesses que motivam instituições da vida social. No contato de Leonardo com os pais, apesar do cuidado familiar (sincero, certamente) com ele, há uma

economia dos propósitos educativos, uma limpeza da afeição, que coloca para o garoto seu lugar já traçado na vida, já determinado para a sua existência – da escola ao trabalho, tudo servir a uma determinada valoração do indivíduo na sociedade burguesa. Tudo absolutamente verossímil com o que acontece “na realidade”. Algumas vezes, conversando com colegas que trabalham em escolas de classe média alta, tive a notícia de como pais podem reagir contra seus filhos (e até contra a escola e professores) quando estes comunicam a vontade de seguir uma carreira universitária divergente com o esperado pela família. Algo como estudar Letras ou Artes.

O capitalismo é um barco que balança, mas que quer viajar sem o risco de tombar. Se a sociedade precedente, do tipo feudal, será lembrada pela forças de conservação, em oposição às inflexões frequentes vistas no capitalismo, há o medo de derivar. Então, de outro modo, o capitalismo também é uma sociedade de conservações. O pai de Leonardo gostaria de ser mais do que é (ele quer navegar), mas a mãe adverte: “Como se fosse pouca coisa. Oh, meu amor, não cospe no prato que te dá o que comer...” (ela mira um porto seguro). Na cena seguinte, Leonardo está sentado diante da piscina, quando a mãe se aproxima. O garoto conta que arrumou um amigo. Sem saber de que “lugar” pertence o amigo, ela encoraja, dizendo que é disso que ele pode estar precisando (percebendo o desânimo do filho), e diz que poderá convidar o amigo para ir lá, brincar na piscina. Leonardo *divaga*, consciente do improvável: “quem sabe um dia desses eu não o convido”. Seu desejo é perder-se.

Observando a narrativa fílmica, interessante observar como os personagens representam o que são. A família de Leonardo não é composta apenas como uma família típica de classe média alta. São representativos, mas também caricaturais. Há uma afetação que indicia o caráter arbitrário de suas existências. Agem dentro da casualidade de pertencerem a um extrato social. Falta-lhes originalidade. É nesta vaga que Leonardo percorrerá outra existência, que será apropriada para valorar sua própria vida. Kiko leva para casa o *game boy*, agora inseparável dele – tal como se presentificava também inseparável nas mãos de Leonardo. A música, aqui já citada, prossegue: “Estava por um triz/ Tentou me avisar/ Quem vai lembrar de mim?/ Alguém vai me ajudar?/ Não aguento mais subir/ Não dá mais para voltar/ Passei para outra fase/ Onde é que isso vai dar?”. Móvel desejo sobre os desconhecidos (portanto, inseguros) caminhos da cidade mimetizado no joguinho eletrônico.

Kiko tem o *game boy*, também querido por outros garotos que trabalham em uma boca de fumo, capturado (também uma *passagem*, outro “atalho” pretendido?) e retorna para o sinal de trânsito sem ele. E pior: a irmã de Leonardo conta para a mãe que ele deu para o amigo o “joguinho que o papai trouxe de viagem”. Mas Kiko teve uma primeira oportunidade de devolver o jogo para Leonardo, que recusou, dizendo para o “amigo” ficar mais um tempo com ele, adiando o encerramento do *empréstimo*. Diz ainda, enquanto o carro parte; “depois a gente faz um campeonato”. Kiko não teve ainda a chance de aprender a jogar as bolinhas. Precisa prolongar o encontro para também receber o que pretende em uma situação favorável a isso. Leonardo busca outra passagem. Possuir as bolinhas não parece suficiente, enquanto Kiko pôde se contentar em levar o jogo para casa. Leonardo quer cruzar outra fronteira, não apenas “trocar” os jogos e aprender coisas diferentes. Agora, destino e punição vão se encontrar.

MUNDO

“Impelida pela necessidade de mercados sempre novos”, vão observar Marx e Engels (ibidem, p. 43), “a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte”. Esse magnífico processo de conquista das ações capitalistas, avançando sobre os territórios até recobrir o planeta, cria a experiência do “mundo”. Operação que não se restringe à física do planeta. O mundo é mais do que isso. É também *todas* as coisas. Inclusive a infância. O filme é didático. São protagonistas crianças, que se envolvem em torno de um joguinho eletrônico. Pequeno jogo, grande peça na cadeia de acumulação capitalista. É a expansão do fervor do consumo e das fantasias de posse para indivíduos cada vez mais precoces na integração ativa ao sistema capitalista. Quando Leonardo *empurra* o jogo de volta para Kiko, este pergunta como ele, então, ficará. Leonardo diz que não há problema, mostrando outro jogo que já possui, de uma *geração* posterior ao *game boy*.

Portanto, mais do que a vista panorâmica de todo o planeta, a existência do mundo é obtida através de vínculos e redes. São elas que *fazem* o mundo. A centralidade do capital é não ser incólume, é poder viver longe de si. Mas trata-se de uma disposição sempre relativa, ambígua até. Ambivalência necessária para tentar não ser consumido no fogo dos “poderes infernais que invocou”. De um lado, o capital é comunicativo, acoplando vasos para a circulação de uma seiva nutritiva das suas ambições de

multiplicação, para obter sucessivas gerações. No entanto, de outro lado, é construtivo, porque é mantido por vínculos e redes nem sempre confiáveis. Às vezes, declaradamente encaradas como indesejáveis. É o que assistimos no meio da rua. Em uma cena do filme, os garotos-malabaristas se aproximam dos carros e motoristas. Um coroa diz: “Não tem vergonha de ficar pedindo dinheiro aí no sinal não, ô garoto?”. O menino responde: “Não tô pedindo, tô trabalhando...”. A esposa do cara emenda: “vai trabalhar no circo, pivete!”

A equação que o capital não resolve é que a adesão aos fios dos vínculos e redes que participa não é, no limite, nas suas fronteiras, controlada por ninguém, mesmo que se tente. Nem sobre a infância se alcança o poder esperado. Pelo contrário, o filme examina: na infância já brotam poderes contrários, pouco conformáveis com a estabilidade pretendida nas fronteiras da expansão capitalista. A fronteira pode ser uma fenda, aberta para as chamas que ardem: uma *passagem* imprevisível para os caminhos que leva. Os rapazes que tomaram o *game boy* de Kiko desejavam aprender com “Chileno” fazer malabarismo com as bolinhas, mas recebem uma recusa porque o “patrão” deles havia proibido mexer com os “meninos dele”. Partem, então, atrás de Kiko com o mesmo pedido para aprenderem jogar as bolinhas. E também Kiko recusa, mostrando a mesma rede de impedimentos: “se eu der ‘mole’, ‘Chileno’ me dispensa”. Vingativos, resolvem tomar o joguinho de Kiko.

A mãe de Leonardo demonstra toda a impossibilidade do cruzamento já iniciado pelo menino, questionando severamente o que fez: “Desde quando você é amigo de pivete de rua? Não tem cabimento, não tem cabimento, você tem a coragem de dar o joguinho que seu pai lembrou de comprar para você em Denver, para o primeiro pivete que você vê na rua?!” Leonardo tenta garantir que o amigo devolverá o joguinho, mas a mãe proíbe que ele outra vez encontre o “amigo de rua”. Mais uma vez, a objetividade mercantil presente na relação familiar é lembrada a Leonardo, quando o presente, emprestado ao sem-valor “amigo pivete”, é confrontado com o valor do joguinho comprado no atraente Estados Unidos. A cobrança familiar a respeito da falta de Leonardo, que pretende ser amigo de quem não deve e ainda lhe empresta um joguinho “proibido” para ele, produzirá o senso de inadequação que moverá sua busca. No mesmo fio da ambivalência anteriormente destacada, Leonardo precisa recuperar a confiança familiar, mas também encontrar algo mais sedutor para a sua jovem vida.

Lembrando Marx e Engels, mais uma vez (ibidem): “Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países”. Cosmopolitismo tenso entre os encontros e os desencontros que são remexidos pelo “contato”. Como diz Luis Antonio Baptista, na epígrafe, “nada está concluído, estável ou sereno”. Os cruzamentos são incalculáveis. O joguinho importado, das mãos da classe média alta parou nas mãos de um favelado. Das mãos de um menino branco para as mãos de um garoto negro. Mas agora, nem com ele, que trabalha como malabarista no sinal de trânsito, está mais. Porque não ensinou sua arte para dois rapazes do tráfico, teve o jogo tomado por eles. Aliás, o que fez um chileno (outro “importado”) parar em uma favela para ensinar os meninos a jogar as bolinhas? As distâncias vão se encurtando, até fechar (ou abrir?) o enredo para a presença de Leonardo na favela onde mora Kiko e os rapazes que agora estão com o jogo que ele precisa recuperar.

Leonardo foge da aula de informática, no curso que frequenta, e vai atrás de Kiko no sinal de trânsito. Descobre, então, que o jogo está com os outros rapazes. Mas decidido, diz: “sem o jogo eu não volto”. Então, segue com Kiko para a favela. Aqui também é importante anotar como a narrativa fílmica prossegue. Leonardo percorre a favela adentrando um lugar desconhecido. Ou melhor, um lugar sobre o qual não se diz coisas boas, um lugar representado na cidade através de uma imagem disforme. E é através de uma linguagem original do lugar, mas já difundida para toda a cidade, que outra imagem vai ser proposta, tanto para a audiência do filme como para o personagem Leonardo. Na trilha sonora, um *funk* diz: “Eu sei, que você vai se amarrar/ Quando você chegar, você vai ser feliz neste lugar”. Logo a seguir, outra música, desta vez, com um sambista, que canta e toca um cavaquinho, quando Leonardo passa próximo: “Suba o morro para ter melhor visão/ Pois o favelado também é brasileiro”.

TERRITÓRIO

Os pais de Leonardo já sabem do seu desaparecimento da aula e estão convencidos que o filho foi sequestrado. Afinal, o que explicaria o ocorrido? A polícia já foi avisada. Mas a irmã de Leonardo, de seis anos, que sempre está com o irmão, nos trajetos e paradas no sinal de trânsito, tem outra hipótese: “Ninguém vai devolver o Leonardo não, o Leonardo fugiu”. A mãe, incrédula, afirma: “Nunca, teu irmão é uma

criança que tem tudo que quer, por que ele fugiria?”. Sua irmã sabe o motivo: “Aposto que ele fugiu para brincar no meio da rua”. Ela pôde observar a inclinação do irmão diante dos “pivetes de rua”, que os pais ignoram. O circuito infantil da vida cotidiana produz saberes, também as crianças conhecem o “mundo” através de suas experiências. Na favela, jogando bola com os novos conhecidos, há um episódio em que Leonardo momentaneamente “sai do ar”, “fugindo” da sua origem social para experimentar, com um novo frescor, a vida na pele do “outro”.

Figurando como goleiro, abandona o posto de defensor e deixa a bola passar – novamente o tema da *passagem*. Todos acham estranho seu “desligamento” e Kiko pergunta se ele está passando mal. Leonardo responde: “Nunca passei tão bem na minha vida”. Sua transfiguração contínua. “Veste-se” de “pivete de rua” e vai para o trânsito pedir dinheiro com Kiko. Mas, outra vez, não escapa à atenção da irmã, que reconhece ele no sinal. O motorista da família não consegue alcançá-lo, mas Leonardo já sabe que foi descoberto. No entanto, reafirma: “sem o jogo eu não volto”? O jogo permanece nas mãos dos dois *fogueteiros* do tráfico. Mas os dois amigos já sabem onde os outros dois estão: vigiando a casa de “Baratão”, gerente da boca de fumo. Agora é conseguir recuperar o jogo. A primeira tentativa é frustrada porque “Baratão” vê os dois vigiando a casa e, depois de uma desculpa para o fato, ameaça uma punição severa se acontecer novamente.

Leonardo quer mesmo “voltar”? Ter o jogo de volta é o motivo manifesto do seu afastamento. Mas outra ação, da família e da polícia, atua para “recuperá-lo”. Não será mesmo possível “ficar”. Seu desejo é castigado por uma falta que não poderá mesmo suprir como indivíduo. Milton Santos (2005, p. 157), discutindo aspectos da globalização atual, ajuda a entender o que se passa com a contradição vivida por Leonardo: “Agora, nenhum subespaço do Planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização”. Leonardo vive, de todo modo, mesmo com a globalização, a realidade reativa do lugar. A imaginada e “experimentada” troca de lugar é uma *aventura*, uma experiência expandida da vida, mas não uma mutação, mesmo com a admirada substituição. O motorista da família diz para os pais e a polícia: “O Leonardo está sem tirar nem por, um menino de rua”. Depois, também o pai de Leonardo confessa sua perplexidade: “O que faz uma criança como o Leo, que tem tudo, fazer uma coisa dessas, meu Deus?”

Apesar da jornada de Leonardo, ela vai terminando. Atração para Kiko e sua família, é também atraído para eles. Fizeram-se amigos. Mas os lugares permaneceram marcados. Leonardo encontra os dois rapazes que estão com o seu joguinho e disputa com eles, na casa de “Baratão”, quem é o melhor. Decidem por uma última partida para decidir a posse definitiva do *game boy*. Esta última partida não acontece. “Baratão”, figura inverossímil de um traficante, representando um personagem bastante caricatural, acentuando o caráter arbitrário deste “papel” na vida (decidido mais pela vivência do lugar do que por uma escolha personalizada), vê na TV o anúncio do desaparecimento de Leonardo e resolve faturar com um “sequestro”. Sequestro que não houve, mas que poderia iniciar com a presença de Leonardo na favela. Leonardo e Kiko, então, fogem, levando o joguinho. Descem o morro e lá embaixo já encontram a polícia. A cena, com os policiais apontando as armas para a favela (e o jornalismo presente para produzir as “imagens”) não deixa dúvidas sobre a geografia dos territórios. De um lado está o asfalto, de outro está a favela.

A partição entre os lugares e o desejo de passagem para o outro lado atravessam toda a história de Leonardo e Kiko, no filme. As forças de conservação do lugar operam fortemente. Quando Leonardo está seguro, ao lado do delegado, tem a oportunidade de delatar Baratão, que se encontra próximo. É o que ele vai fazer. Kiko, no entanto, impede. Leonardo pergunta o motivo. Kiko diz: “Você vai voltar para a tua piscina, mas sou eu que volto para o morro”. Cada lugar tem as suas possibilidades existenciais. Mas depois de “provar” para a mãe que não havia “fugido”, que não era irresponsável, que havia recuperado o joguinho, Leonardo entrega o *game boy* definitivamente para Kiko, como presente. Então, novamente a fortaleza do lugar é contrariada pela *futuridade* do gesto. Retornando a Milton Santos (ibidem, p. 163): “No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado, torna-se nossa âncora”.

Ao lado das forças de conservação, essa energia interessada na preservação da sociedade capitalista, outras capacidades agem também. Na rede de contato, trocas e hibridizações, o que tem futuridade ameaça o reacionário do presente. O lugar continua “aberto” às práticas transgressoras e desestabilizadoras das localizações e finalizações identitárias. Na formulação política de Paulo Freire (2003, p. 53): “Gosto de gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um

tempo de possibilidades e não de determinismo”. Para Leonardo, a História realmente não termina. Despede-se do amigo Kiko e vai para casa de carro com a família. Está novamente no trajeto que atravessa a cidade. Ele olha pelo vidro do automóvel. Uma parada no sinal deixa Leonardo, mais uma vez, frente a frente com outro pivete de rua. O menino mostra as balas que está vendendo. Usa um agasalho gasto, com a marca “GAP” estampada. Os dois se olham, sorriem um para outro e fazem um gesto de força com a mão erguida e o punho cerrado. Uma curiosa correspondência com a última frase de Marx e Engels do *Manifesto*: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNIVOS!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Luis Antonio. *O veludo, o vidro e o plástico*: desigualdade e diversidade na metrópole. Niterói: EdUFF, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: Saberes necessários à prática educativa. 26ª ed. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2003.